

## Em jeito de Editorial...

Este mês de Março, a actividade do ICEA foi marcada pela conferência comemorativa do quarto centenário do nascimento de Padre António Vieira, em sessão conjunta com a Academia Portuguesa da História, pela Assembleia Geral que elegeu o Prof. Doutor Adriano Moreira sócio honorário do nosso Instituto e pela conferência sobre alimentos transgénicos, inserida no Ciclo de Conferências “Reflexões sobre a Europa”.

Foi um mês profícuo. Tentamos neste NotICEAs dar-lhe nota do que de mais importante aconteceu nestas actividades. Contamos consigo. Conte connosco.

## Professor Doutor Adriano Moreira - Associado Honorário

***Mensagem do Presidente do Conselho Superior do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, à Assembleia Geral Extraordinária do dia 1 de Março, que atribuiu o título de Associado Honorário do ICEA ao Prof. Doutor Adriano Moreira***

O ICEA acolhe hoje na sua agenda cultural uma sessão conjunta com a Academia Portuguesa de História dedicada ao Padre António Vieira.

O que nos traz hoje aqui é a eleição do Senhor Prof. Doutor Adriano Moreira como Sócio Honorário do ICEA, no seguimento da minha proposta à Direcção.

No famoso Sermão de 4.ª feira de Cinzas, em Roma, Vieira alertava para a necessidade de nos determos no presente, que contudo se não podia construir sem o passado e o que se pretendia ter no futuro. Dizia então a concluir que era o presente, afinal, o futuro do passado, e o mesmo presente o passado do futuro.

Ao acolhermos entre nós o Senhor Prof. Doutor Adriano Moreira, actual Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, que connosco vem a colaborar desde os primeiros dias do Instituto, estamos a agradecer a sua disponibilidade permanente, a sua dádiva generosa às causas do ensino, da cultura e da política nacional nos últimos 60 anos.

É um exemplo lapidar de alguém que nunca renegando o passado, foi sabendo construir o presente, perspectivando as consequências que se plasmariam no futuro.

Saibamos assim admiti-lo com a dignidade de alguém que sobretudo conseguiu construir pontes usando as pedras que a vida lhe foi atirando.



Ericeira, 1 de Março de 2008  
O Presidente do Conselho Superior do ICEA  
João Abel da Fonseca

## Portugal e o mundo no tempo do padre António Vieira

Por *Prof. Doutor José Pedro Paiva*



Em 6 de Fevereiro de 1608, nascia em Lisboa, António Vieira. A sua longa existência veio a espalhar-se por quase toda a duração do século XVII, pois aquele que foi um dos mais destacados protagonistas da vida portuguesa do seu tempo faleceu na Baía, em 18 de Julho de 1697. Longevidade extraordinária, para uma época na qual a mortalidade era alta e habitualmente precoce, pesem as dificuldades de saúde que constantemente o apoquentaram a partir dos 55 anos.

Terá sido provavelmente no púlpito que Vieira melhor expressou as suas capacidades. Foi através dele que alcançou grande notoriedade e influência no seu tempo e uma aura de fama e glória que não se extinguiram com o seu falecimento, como aqui hoje o comprovamos. Do ponto de vista estritamente literário é ainda nos sermões que se pode encontrar a expressão mais sublime do seu talento.

(...)

Vieira atravessou quase integralmente um século muito fustigado por várias catástrofes e rasgado por grandes inovações. Na generalidade dos territórios Europeus tratou-se de um período conjunturalmente bastante difícil.

Foi um período que nasceu assistindo a uma certa supremacia do mundo ibérico e que definiu dominado pela emergente Holanda, porventura a grande potência económica do tempo, pela França de Luís XIV, e pela conturbada Inglaterra em tempo de transição depois da gloriosa revolução de 1689, regiões que não foram tão assoladas pela severidade da crise.

Muitos historiadores classificaram já o século como um “século de ferro”, por oposição ao “século de ouro” que teria sido o século XVI. Colocado entre o “renascimento” de Quinhentos e as “luzes” de Setecentos foi quase sempre objecto de uma leitura desvalorizadora, uma espécie de intervalo entre dois momentos de esplendor na linha do progresso do homem europeu.

Porquê um século de ferro? Pela circunstância de um ciclo de fomes e pestes, em boa parte provocadas por condições climatéricas bastante desfavoráveis, terem voltado a assolar repetidamente a Europa, que por isso conheceu uma certa estagnação demográfica e dificuldades económicas que se acentuaram a partir dos meados da centúria. Às crises de fome e às pestes, juntaram-se alguns conflitos bélicos bastante destrutivos, entre os quais a Guerra dos Trinta Anos e as invasões Turcas. A primeira, apesar de se desenrolar quase exclusivamente naquilo que hoje é a Alemanha, envolveu muitas nações e terminou com a celebração da paz de Vestefália, em 1648, cimeira à qual ainda se pensou enviar Vieira. Já os avanços e recuos das invasões turcas, que Vieira seguiu e comentou com assiduidade na sua correspondência, foram fonte de grande insegurança no mundo cristão. Mas para além destas duas mais graves e duradouras crises bélicas, ao longo dos cem anos do século não há um único em que não seja possível dar sinal de um conflito num qualquer ponto da Europa. A velha trilogia da fome, da peste e da guerra que, em bom rigor, nunca abandonara a Europa, retornara com fulgor, dando do século a imagem de uma época atormentada.

Do ponto de vista económico, exceptuando os casos dos Países Baixos do Norte e da Inglaterra (nesta, sobretudo depois de vencida a metade da centúria), por toda parte se sentiram dificuldades, as quais se acentuaram dramaticamente pelos anos vinte. Os indícios deste quadro genérico que, sublinhe-se, não é generalizável e que teve, naturalmente, conjunturas de maior e menor severidade são múltiplos: estagnação demográfica (quando não quebra de contingentes populacionais), baixa generalizada da produção e da produtividade agrícola e, em muitos sectores, dos fluxos comerciais (a rota do Cabo explorada por portugueses é disso um bom sinal), empobrecimento geral das populações, retracção muito significativa da quantidade de metais que chegavam da América e que em Quinhentos haviam excitado as economias europeias, grande instabilidade dos preços, com uma tendência geral no sentido da deflação.

Em face deste quadro, instalou-se um período mais céptico em relação às possibilidades ilimitadas da natureza humana que no Renascimento tinham dado fé e esperança aos primeiros homens do Mundo Moderno então nascente.

Não espanta, por isso, o forte ressurgimento da religião a que por todo o lado se assiste. Como escreveu Pierre Chaunu “todo o século XVII procura Deus”. Não há dúvida que muitos espíritos do tempo foram contagiados por este ambiente.

Do ponto de vista religioso este foi ainda um período da constatação da irreversibilidade da fractura no mundo cristão entre católicos e protestantes, talvez por isso época de grande intolerância. Mas também uma época de afirmação da nova imagem que a Igreja pretendia dar de si desde o Concílio de Trento. Foi pois o tempo da afirmação da contra-reforma ou reforma Católica, movimento de renovação da Igreja no qual a missão e a C<sup>a</sup> de Jesus, da qual Vieira era parte, tiveram papel preponderante.

No plano dos códigos estéticos foi o século do Barroco.

Neste domínio tratou-se de uma época de novas gramáticas estéticas, de sensibilidade e de gosto. Na literatura, na pintura, na escultura, na arquitectura, na música, no teatro, na culinária, na festa, no vestuário, nos rituais fúnebres, nas manifestações religiosas e de piedade triunfa um gosto, uma sensibilidade diferente que se pode designar por barroca.

O barroco não foi apenas um estilo artístico. Foi isso, mas foi mais do que isso. Foi uma tendência dominante de estética, de gosto, de sensibilidade que atravessou toda a Europa desde 1600 (em certos aspectos com manifestações mais precoces), prolongando-se em muitas regiões até aos meados do século XVIII, e que acabou por se expandir para fora do continente, sobretudo para a América Central e do Sul.

(...)

Mas o século XVII teve ainda outra faceta que de modo algum poder ser esquecida. Foi então que emergiu o espírito científico e o método experimental, que provocaram avanços importantes no conhecimento do mundo físico, graças aos trabalhos e reflexões de Galileu, Bacon, Torricelli, Kepler, Descartes e, mais tarde, Newton. Simultaneamente, esta nova postura e os novos conhecimentos que determinava forçaram uma reformulação do pensamento aristotélico, em particular, e de todo o saber herdado do mundo Clássico greco-romano em geral, pondo ainda em causa uma certa ideia de natureza gerida pela providência, que também teve consequências no plano teológico. Que o diga Galileu, vítima de processo inquisitorial em Roma.

Com esta corrente instaurou-se um novo paradigma de conhecimento do mundo físico, baseado em pressupostos completamente novos e que marcará o mundo até ao tempo presente.

Selecione aqui para ler esta comunicação na íntegra: [www.icea.pt/pdf/PAV\\_JosePedroPaiva.pdf](http://www.icea.pt/pdf/PAV_JosePedroPaiva.pdf)

## CONFERÊNCIAS DO CASINO: Alimentos transgénicos: uma avaliação bioética

Decorreu no dia 29 de Março mais uma Europa, desta vez dedicada aos moderação do nosso associado participaram o Prof. Doutor Jorge Ciências da Universidade de Lisboa e a Biologia Experimental e Tecnológica.

O Prof. Doutor Jorge Marques da Silva “Entre a ‘Centelha Divina’ e o ‘Pecado sobre a engenharia genética”, foi o Dra. Teresa Crespo abordou a questão e como se detectam”.

Ambas as intervenções foram muito não deu por mal empregue a tarde Jaime Lobo e Silva.

Esperamos, no próximo número do notICEAs, ter disponível as comunicações apresentadas.



sessão do Ciclo Reflexões sobre a alimentos transgénicos. Com a Professor Doutor Fernando Catarino, Marques da Silva, da Faculdade de Dra. Teresa Crespo, do Instituto de

falou sobre engenharia genética - da Soberba’: considerações morais título da sua conferência - enquanto a dos “Alimentos transgénicos: o que são

interessantes e a centena de assistentes passada no Auditório da Casa da Cultura